

NOÇÃO DE PESSOA E SUBJETIVIDADE: A INTIMIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOB A ÓTICA DE ANTHONY GIDDENS

Bruna Motta dos Santos¹
Bruno Hermes de Oliveira²

RESUMO

O mundo contemporâneo é palco de profundas e aceleradas transformações, cujos impactos têm repercutido nas dimensões mais íntimas da vida dos sujeitos. O sociólogo Anthony Giddens é um dos autores que tem se preocupado com a questão, buscando compreender as consequências da modernidade e seus entrelaçamentos com a vida pessoal e com o Eu (self). Nosso objetivo foi analisar a discussão de Giddens acerca dos impactos do mundo contemporâneo sobre a intimidade, bem como tecer uma breve análise das implicações dessas transformações. A investigação foi conduzida a partir da análise de duas obras do referido autor: “As consequências da modernidade” e “Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”. Para o autor, o fenômeno sociológico da “transformação da intimidade” caracteriza-se pela modificação na forma como as relações amorosas se estruturam, estando cada vez mais motivadas e sustentadas por aspectos democráticos, como a autonomia do Eu e do Outro. Frente às alterações nas condutas de vida dos sujeitos e suas relações com a dimensão da intimidade sugeridas por Giddens, podemos entrever um adensamento da noção de pessoa enquanto indivíduo nos dias atuais.

Palavras-chaves: Anthony Giddens; Intimidade; Noção de Pessoa; Subjetividade.

¹Graduanda do curso Ciências Sociais da Universidade Federal de Alfenas.

bruna-motta@outlook.com

²Graduado em Ciências Sociais e mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas.

bruno_hermes@hotmail.com

Introdução

O mundo contemporâneo é marcado por profundas e aceleradas transformações, cujo ritmo e abrangência parecem não encontrar paralelo em nenhum outro momento da história. Como afirmam diversos autores do pensamento social contemporâneo, esse é um contexto caracterizado pela descontinuidade, no qual aspectos tradicionais preestabelecidos são desqualificados por características globalizantes e onde foram rompidos os vínculos sociais baseados nas socialidades locais, oferecendo, por sua vez, uma conexão social a nível global. Diante deste cenário, percebe-se que as transformações locais e globais na contemporaneidade provocam uma modificação na conduta de vida e na maneira como as pessoas percebem a si mesmas. Dito de outro modo, as transformações que configuram o mundo atual afetam as dimensões mais íntimas dos sujeitos, inclusive a maneira como estes conceberão a si mesmos.

Um dos autores que buscou compreender essas questões foi Anthony Giddens. O conhecido sociólogo inglês procura demonstrar, em algumas de suas obras, justamente como a dimensão da intimidade é um dos âmbitos no qual as transformações contemporâneas têm repercutido profundamente, desembocando no fenômeno que o autor denomina como “transformação da intimidade”. A partir de longa explanação teórica, o autor buscou empreender esforços no sentido de aprofundar suas investigações acerca da forma como as transformações contemporâneas têm impactado a intimidade, e mais especificamente, seus impactos sobre as relações amorosas e eróticas. Segundo Giddens, a orientação na modernidade tardia é na direção de uma extirpação de relações fundadas em critérios exteriores, de modo que elas - as relações - passam a estar cada vez mais motivadas e sustentadas por aspectos democráticos, como a autonomia. Mas o que Giddens quer dizer, afinal, ao lançar mão desse emaranhado de conceitos?

Tendo como ponto de partida a compreensão da argumentação do autor, colocamo-nos neste trabalho o desafio de compreender três questões. A primeira é explicitar qual a compreensão de Giddens sobre o modo como elementos mais amplos da modernidade tardia impactam a vida íntima e pessoal dos sujeitos; a segunda é lançar luz sobre o entendimento do autor a respeito das transformações da intimidade e as formas com que influem na maneira de ser dos sujeitos. Por fim, buscaremos compreender de que modo estas questões

concorrem para a construção de uma noção de pessoa muito particular. Para tal empreendimento, efetuamos a revisão e análise de duas obras de Anthony Giddens. São elas: “As consequências da Modernidade”, cuja primeira publicação remonta ao ano de 1990, e “Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”, publicada originalmente em língua inglesa no ano de 1992.

1. Aspectos definidores da contemporaneidade

Baseado numa série de conferências proferidas no final dos anos de 1980 a convite da Stanford University – Califórnia, o livro “As consequências da Modernidade” (1991) é uma importante obra que trata dos aspectos característicos do mundo contemporâneo, período denominado pelo autor como modernidade tardia. Nesse livro – em realidade um conjunto de ensaios – Giddens transita por temas como globalização, segurança, perigo, confiança, risco, dentre outros, pensando-os de forma sempre articulada e demonstrando de que modo essa articulação fora fundante de uma “natureza” da modernidade.

Para Giddens vivemos tempos de radicalização e universalização das consequências da modernidade. Deste modo, qualificar o mundo contemporâneo de “pós-moderno” ou “pós-industrial” ou “pós-alguma coisa” constitui na visão do autor ainda um equívoco, uma afirmação precipitada por parte daqueles teóricos que se colocam o desafio de apreender a “natureza” do mundo atual. Mas equívoco também daqueles que omitem, a respeito do pensamento do autor, seus posicionamentos sobre as transformações que afetam a contemporaneidade. Giddens reconhece a emergência de novos fenômenos sociais, como a sensação coletiva de “perda de controle” sobre os eventos e acontecimentos da vida ordinária, a sensação coletiva de impossibilidade de conhecimento sistemático sobre o mundo social e, ainda, um conjunto de transformações que estão diretamente ligadas à vida íntima dos sujeitos.

Para melhor compreender esses novos fenômenos sociais, Anthony Giddens sugere, então, que voltemos nosso olhar para a natureza da modernidade. Nesse sentido coube-nos procurar entender de que modo e em que sentido, para o autor em tela, as transformações da intimidade – questão maior do nosso trabalho – se apresentam como uma das consequências da modernidade. Apesar de Giddens dedicar uma obra exclusiva sobre o fenômeno da intimidade e sua transformação, julgamos necessário passar em revista alguns conceitos-chave

trabalhados pelo autor que emergem de sua análise sobre alguns aspectos fundantes da modernidade e que nos aparelharão para a compreensão mais exata daquilo que Giddens trata por transformação da intimidade.

Segundo Giddens, a ideia de modernidade contrasta com a ideia de tradição. No entanto, as continuidades entre moderno e tradicional podem ser encontradas, o que nos leva a colocar em suspenso qualquer tipo de generalização. Apesar de isso reconhecer, Giddens propõe um exame mais rigoroso da relação entre modernidade e reflexividade, um dos aspectos responsáveis pelo caráter dinâmico e descontínuo da modernidade tardia.

Para nosso autor, “Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações.” (1991, p. 47) e, diante de tal contexto, a reflexividade encontrava-se em grande parte limitada às reinterpretações e esclarecimentos de uma já dada tradição. Com a emergência da modernidade, considera Giddens, “[...] a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e ação estão constantemente refratados entre si.” (1991, p. 48). Nesse novo cenário, a vida cotidiana perde sua conexão com o passado, exceto quando o que “foi feito antes” ou “sempre foi feito assim” pode manter-se inabalável quando postos à luz do conhecimento renovado. Eis, portanto, a reflexividade característica da modernidade: nesse contexto, as práticas sociais passam a ser constantemente examinadas e reformadas à luz de informação também renovada sobre as próprias práticas, de modo a alterar constantemente o próprio caráter das práticas sociais.

Apesar de sua centralidade em toda a discussão teórica de Anthony Giddens, a reflexividade não permanece isolada no que diz respeito à dinamicidade do mundo contemporâneo. Esse papel também é exercido por outros dois elementos característicos desse cenário. A separação espaço-tempo e o desencaixe, juntamente com a reflexividade, são elementos responsáveis por romper com aspectos tradicionais e dinamizar o cenário moderno.

De acordo com Giddens, a emergência da modernidade fora responsável por alterar as formas como as dimensões de espaço e tempo são vivenciadas, separando-os, de maneira que os sujeitos passaram a não mais se localizar temporalmente com base em marcadores sócio-espaciais. Nesse sentido, a organização social do tempo, bem como as datas, foram uniformizadas, havendo uma padronização e precisão da indicação das horas do dia e a formação de um sistema de datação global. Como o espaço, o tempo se tornou vazio e cindido do

lugar, já que no cenário moderno não há a predominância da presença e sujeitos interagem a quilômetros de distância. O lugar torna-se, assim, estruturado pelo o que está próximo, mas também e, sobretudo, pelo o que está distante.

Intimamente relacionada ao desencaixe, a separação entre espaço e tempo é um elemento importante quando tratamos do caráter dinâmico da modernidade. Giddens explica que, separados, tempo e espaço são rearticulados e impactam a vida dos sujeitos, que tinham suas atividades anteriormente coordenadas através das particularidades do contexto. Deslocando as relações sociais de seu cenário local e ampliando o distanciamento do espaço e tempo, esse fenômeno proporciona novas possibilidades por desvencilhar os costumes antes alicerçados nos aspectos locais, tornando possível a coordenação entre atividades e sujeitos localizados em grandes extensões espaço-temporais. São dois os tipos de mecanismos de desencaixe apontados pelo autor: as fichas simbólicas, meios de troca, como o dinheiro, que não carregam consigo as particularidades dos agentes/grupos que os utilizam e os sistemas peritos, que consistem em sistemas técnicos ou de competência profissional, responsáveis por organizar os âmbitos material e social de nossas vidas.

A confiança é outro elemento importante na contemporaneidade e consiste em uma crença na confiabilidade, a crença de que se pode confiar, tendo em mente eventos contingentes. Para o autor, a confiabilidade pode se apresentar de duas formas, a partir de sujeitos que se conhecem e já se relacionam por longo tempo ou relacionada aos “mecanismos de desencaixe”, mais especificamente, os sistemas peritos, que dispensam a copresença dos sujeitos diretamente envolvidos na relação. Já a confiança básica é oriunda da confiança pessoal que, por sua vez, necessita da confiança nos outros, fundamental para um “sentimento de integridade e autenticidade do eu”. A confiança nos outros, em que se estabelece uma mutualidade, não é algo presente nos sistemas peritos, apesar destes produzirem uma segurança na vida cotidiana, pois estão relacionados a aspectos impessoais em relação à confiança que mobilizam.

Segundo Giddens, houve uma importante alteração dos contextos de confiança, o que teria impactado amplamente as relações de intimidade pessoal e sexual. Esses aspectos encontravam-se, na pré-modernidade, fundamentados no local, mas o advento da modernidade faz com que eles operem em um cenário institucionalmente desencaixado. Os sistemas de parentesco, a comunidade local, a cosmologia religiosa e a tradição, ambientes de confiança pré-modernos, deixam de ser capazes de proporcionar a sensação de segurança que um dia

proporcionaram. Assim, surgem novos contextos de confiança, compostos pelas relações pessoais ou de intimidade sexual, como uma forma de trazer estabilidade aos laços sociais; pelos os sistemas peritos, também atuando nesta estabilização, mas em extensões de espaço-tempo indeterminadas; e pelo pensamento contrafactual, orientado para o futuro, como uma forma de vincular passado e presente. Giddens aponta que o declínio do impacto outrora tido pela religião se dá pela incompatibilidade de sua influência com situações da vida social moderna, sendo “superada” pelo conhecimento reflexivamente organizado, pautado da observação e no pensamento lógico, assim como o que ocorre com a tradição, que se apresenta em oposição ao pensamento reflexivo.

Nesse sentido, a confiança pessoal se modifica e, ao invés de estabelecida previamente, transforma-se em um projeto a ser trabalhado por aqueles que integram a relação, demandando uma auto-revelação mútua. Os envolvimento eróticos são, para o autor, o âmago desta auto-revelação, pois trazem consigo um processo de descoberta recíproca que vai progredindo e envolve tanto a própria experiência quanto o crescimento da intimidade entre os envolvidos. Essa confiança pessoal é estabelecida através do autoquestionamento, estando o ato de se auto-descobrir intimamente relacionado à reflexividade da modernidade.

2. Panorama da transformação da intimidade

Como já vimos, as discussões de Anthony Giddens não se restringem apenas às transformações ocorridas nas esferas mais amplas da vida social. O autor analisa, também, as transformações que produzem impacto na vida íntima e pessoal dos sujeitos; sobretudo aquelas que entende ter vinculação com fenômenos e questões sociológicas definidoras, a seu entender, do mundo contemporâneo. Pensando essas duas dimensões, Giddens busca demonstrar como as transformações sociais mais amplas impactaram e continuam a impactar os relacionamentos mais íntimos, bem como esses últimos também produzem efeitos sobre o primeiro.

[...]há uma conexão direta (embora dialética) entre as tendências globalizantes da modernidade e o que devo chamar de transformação da intimidade nos contextos da vida cotidiana; que a transformação da intimidade pode ser analisada em termos da adição de mecanismos de confiança; e que as relações de confiança pessoal [...] estão intimamente relacionadas à situação na qual a

construção do eu se torna um projeto reflexivo. (GIDDENS, 1991, p. 126).

Tendo em vista esse escopo do autor, buscamos nos aproximar um pouco mais das discussões micro sociológicas tratadas, lançando uma lupa sobre suas análises acerca das novas formas de interação entre os sujeitos, particularmente as relações amorosas e eróticas tratadas com muita atenção em “A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas” (1992), lugar onde o sociólogo inglês vai nos mostrar como se dão efetivamente as transformações, tendo como contraponto a pré-modernidade europeia.

Em suma, podemos considerar que um dos principais aspectos problematizados e discutidos por Giddens no que tange à transformação da intimidade é aquilo que o autor chama por “amor romântico”, uma noção que teria emergido já no XVIII e que tem, desde então, impactado de maneira ampla a vivência pessoal e íntima dos sujeitos. Segundo Giddens, foi esse amor romântico responsável por abrir as portas para a construção de uma narrativa de vida individual. Dito de outro modo, o sujeito, ao estabelecer um laço com outrem, constrói para si também uma história individualizada através da inserção do Eu e do Outro numa história pessoal, dotando essa narrativa de uma orientação para o futuro. Um futuro que não mais se orienta a partir do dado como estabelecido, o da tradição, mas a um futuro capaz de ser modelado à luz da subjetividade e anseios pessoais.

Mas qual a relação entre o amor romântico e a intimidade? Para Giddens, a relação do amor romântico com a intimidade está no caráter reparador do primeiro. Uma comunicação psíquica faz com que o sujeito, outrora fragmentado, venha a se tornar – após o estabelecimento da relação – um sujeito que passa a se perceber completo, inteiro. Esse é um fator que está intimamente relacionado à auto-identidade, ao Eu. Desse modo, o amor romântico está fundamentado em uma idealização tanto de si quanto do outro, engendrando uma trajetória direcionada ao futuro. Ainda, o amor romântico tem um sentido de busca, uma busca numa situação em que os eventos são desconhecidos, mas, a partir do encontro e da descoberta do outro, ocorre uma validação da auto-identidade. Conquistar o outro significa a construção tanto de si quanto de uma biografia mútua. O amor sublime é, aqui, preponderante face ao ardor sexual, de modo que a atração imediata quando vinculada ao amor romântico, deve ser dissociada de impulsos fundados na sexualidade e no erotismo.

O amor romântico possui também, para o sociólogo, caráter subversivo, que foi controlado pela sua associação com o casamento, com a maternidade

e a noção de eternidade do amor. Sua difusão esteve vinculada a importantes consequências para as mulheres, posterior ao século XVIII, atribuindo-lhes o lar como seu espaço consolidado, lhes direcionando a responsabilidade em relação à criação dos filhos (processo vinculado a alteração das relações entre pais e filhos, com o declínio do poder patriarcal no final do século XIX) e, por fim, a invenção da maternidade, que evidenciava não só a existência de um padrão duplo no que diz respeito às atividades e sentimentos, mas a peculiar vinculação da maternidade e feminilidade como qualidades que comporiam a personalidade da mulher. Assim, seu caráter subversivo acabou sendo subjugado por sua associação com aspectos e noções tradicionais.

O amor romântico foi, sobretudo, fundamental para a emergência dos chamados “relacionamentos puros” (GIDDENS, 1993). Este conceito é acionado pelo autor a fim de designar o cenário em que os consensos são estabelecidos pela própria relação e apenas se mantém se as duas partes que o compõem julgarem que o relacionamento possui aspectos satisfatórios para ambos. Nesse sentido, a noção de relacionamento puro, para Giddens, permite a associação entre casamento e sexualidade, que anteriormente estavam vinculados à ideia de amor. O relacionamento puro está também presente em outros tipos de relacionamento além do heterossexual e, em alguns casos, surge de forma concomitante à sexualidade plástica. A sexualidade plástica é um fenômeno que se caracteriza pela dissociação entre sexo e reprodução, possibilitado e acentuado pela disseminação dos métodos contraceptivos e tecnologias reprodutivas, além de estar associado à personalidade e, por conseguinte ao Eu, e dissociar o sexo da experiência sexual masculina.

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada um individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, p. 69)

Giddens afirma que a noção de amor romântico foi desenvolvida e dissolvida de forma pioneira pelas mulheres devido às suas buscas por emancipação e autonomia sexual. As questões em torno da autonomia tanto social quanto

sexual das mulheres influenciam de forma relevante os ideais do amor romântico, fragmentando-os, isso porque, de acordo o autor, o amor romântico não é compatível com o relacionamento puro. O amor romântico, como mencionado, está associado a uma identificação projetiva e essa identificação é um dos aspectos que levam elementos do amor apaixonado, responsável pela atração mútua e, por conseguinte, o estabelecimento da relação. A projeção é apresentada pelo autor em termos de uma sensação de completude, de totalidade que seria acentuada em razão das dimensões feminina e masculina, por serem esferas compostas e caracterizadas por aspectos opostos, de modo que essa noção acaba por estar fundamentada em distinções entre homens e mulheres.

Nesse sentido, os relacionamentos puros apresentam-se de forma mais compatível com o modelo do amor confluyente, um ideal de amor que emerge mais recentemente, face ao declínio dos ideais do amor romântico. No caso do amor confluyente, o que está em jogo é uma abertura das partes envolvidas, uma revelação mútua, processo contrário à identificação projetiva. Além disso, o amor confluyente está vinculado ao caráter ativo e efêmero do amor, distinto do amor romântico, que anseia pelo “para sempre” e pela exclusividade amorosa e sexual. O foco aqui não está na busca por uma pessoa cujos atributos sejam considerados especiais, mas em uma relação que apresente esses aspectos. No amor confluyente, a transferência e recebimento emocionais são proporcionados em termos de igualdade, elementos que aproximam um relacionamento do modelo de relação pura.

A partir do amor confluyente, o prazer sexual mútuo se torna um elemento central para a perpetuação do casamento e a própria dimensão sexual passa a ser reflexivamente orientada em meio a conhecimento reflexivamente produzido e disseminado. O amor confluyente traz aspectos outrora ausentes no amor romântico, como a não distinção entre as mulheres – outrora separadas entre respeitáveis e não respeitáveis –, o relacionamento não necessariamente monogâmico – sendo a exclusividade um objeto de negociação –, de modo que as relações pautam-se em uma aceitação das partes, fundamentada na negociação e na igualdade.

O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que

cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro. (GIDDENS, 1993, p. 73)

A partir da vivência dos relacionamentos puros há uma democratização da vida pessoal, fenômeno que traz para a esfera da intimidade aspectos como autonomia, direitos e deveres, fundamentais também para a democratização no âmbito público. Segundo Giddens, a democratização das esferas pessoal e pública é compatível, com a diferença de que na primeira o fenômeno seria menos visível e a participação feminina central. O desenvolvimento dessa estrutura ética direcionada a dimensão da vida pessoal sob moldes democráticos, está fundamentada no modelo do amor confluyente. Para o sociólogo, as relações heterossexuais apresentam grandes tensões, evidenciando diferenças psicológicas e econômicas entre os sexos, mas ressalta que já existem profundas transformações em curso que se direcionam aos elementos democráticos.

O autor cita aspectos como a autoridade, que nos relacionamentos puros não significa a autoridade sobre o outro, mas a aquisição de capacidades que o outro não detém; os direitos e deveres, um aspecto definidor da intimidade, por se constituir como um conjunto de benefícios e obrigações que vão dar forma as atividades e condutas e a participação, que consiste no estabelecimento das condições da união, que devem ser estabelecidas com a participação igualitária daqueles que integram a relação, envolvendo o ato de abertura para o outro.

Giddens afirma que a confiança está profundamente vinculada à responsabilidade e à autoridade nos relacionamentos puros. Não existe a possibilidade de confiança sem responsabilidade, porque poderia culminar em dependência, e nem de responsabilidade sem confiança, porque ela implicaria o exame constante das razões e condutas tomadas pelo parceiro(a). A confiança está associada a ter confiabilidade no outro, significando a ausência da necessidade de uma inspeção contínua. Aquele que é considerado confiável possui reconhecimento de sua integridade pessoal. Em um âmbito igualitário, essa integridade também significa expor os motivos das ações, sempre que estas forem requeridas.

Mas o aspecto central para o estabelecimento e manutenção dos relacionamentos é a autonomia, fundamental para a democratização da vida pessoal. Inserida nos relacionamentos, ela significa uma produção satisfatória do projeto reflexivo do eu, de modo que o sujeito se relacione de maneira igual com o outro, respeitando o desenvolvimento de suas capacidades de forma

independente. Além disso, a autonomia é importante no que se refere aos limites pessoais, que protegem a relação de elementos como a codependência, pois conservam a intimidade e corroboram para a existência do amor confluyente. Intimidade significa, para o autor, conhecer os aspectos característicos do outro e revelar-se, abrir-se para ele.

Autonomia significa a capacidade de autorreflexão e autodeterminação dos indivíduos: “deliberar, julgar, escolher e agir diante de diferentes cursos de ação possíveis”. É claro que, neste sentido, a autonomia não poderia ser desenvolvida enquanto os direitos e as obrigações estivessem intimamente vinculados à tradição e a prerrogativas estabelecidas da propriedade. Entretanto, uma vez que essas fossem dissolvidas, um movimento em direção à autonomia tornava-se ao mesmo tempo possível e visto como necessário. (GIDDENS, 1993, p. 202).

Nesse sentido, a codependência apresenta-se como um fator problemático no interior dos laços íntimos e pessoais constituídos pelos indivíduos. Nos relacionamentos codependentes, o *Eu* se funde com o *Outro*, pois o vício se torna a fonte principal de segurança ontológica. Nesse sentido, o sujeito codependente é aquele que tem necessidade sobre outra ou outras pessoas para manter íntegra sua segurança ontológica, sua sensação de auto-confiança e sua auto-identidade, estando esses elementos alicerçados nos comportamentos e carências do outro. Esses relacionamentos possuem e são comandados pela compulsividade, sendo ausentes de autonomia e do senso de que o parceiro também é autônomo. Giddens aponta que, nesses casos, o controle do eu, elemento fundamental para o relacionamento puro, não é algo presente. Nas terapias direcionadas a solucionar esses relacionamentos, os sujeitos tem como primeiro exercício se desprender do outro, processo que traz a possibilidade de alcançar o amor confluyente e é uma condição prévia para que o sujeito reconheça o outro enquanto um sujeito independente, com aspectos característicos próprios e que pode ser amado desse modo.

Como qualquer comportamento compulsivo, a codependência, enquanto um vício, evidencia uma ausência de mobilidade do projeto reflexivo do eu, ou seja, é parte de um projeto não reelaborado, não revisado e, desse modo, ameaçado em termos de autonomia pessoal e segurança ontológica. Sendo um elemento associado à ausência de autonomia pessoal, o vício apresenta-se como uma

ameaça à integridade do eu, principalmente em comportamentos compulsivos mais acentuados.

Assim, o mecanismo pelo qual se daria essa democratização da esfera privada seria a constituição de um “contrato móvel”. Os relacionamentos puros ou aqueles que dele se aproximam, afirma o autor, possuem um “contrato móvel” que possibilita que, qualquer uma das partes recorra a ele, pois proporciona a base para uma discussão aberta acerca dos relacionamentos, que está suscetível à negociação. Giddens explica que, entre os casais heterossexuais, os contratos de casamentos, que estabeleciam um caráter separado e desigual da união, foi substituído pela alteração da noção de casamento, agora tido com “significante de compromisso”, não mais como um fator determinante desse compromisso. Esse contrato móvel não é oriundo de princípios éticos absolutos, se edificando a partir das negociações no interior do relacionamento. Ele precisa conter aspectos democráticos, ou seja, ter em vista que a pessoa está lidando com outras iguais e independentes. Nesse sentido, a comunicação é fundamental no relacionamento puro.

A autonomia própria, o rompimento com a compulsividade, é a condição do diálogo aberto com o outro. Esse diálogo, por sua vez, é o meio de expressão das necessidades do indivíduo, assim como o meio pelo qual o relacionamento é reflexivamente organizado. (GIDDENS, 1993, p. 212)

Essas noções democráticas, inseridas no âmbito da intimidade, representariam o cerne da emancipação sexual, que consiste na vinculação da sexualidade plástica com o projeto reflexivo do eu. A própria sexualidade seria, agora, parte da narrativa do projeto reflexivo; uma propriedade do eu.

3. Uma breve análise das discussões de Anthony Giddens

Com o objetivo de investigar como Anthony Giddens analisa e compreende os impactos do mundo contemporâneo na vida íntima dos sujeitos, nos debruçamos em duas obras consideradas fundamentais para tal empreendimento. Em “As Consequências da Modernidade” o autor discute os aspectos mais amplos que caracterizam a vida social na modernidade tardia, já sendo possível evidenciar que esses impactam também a esfera mais íntima da vida dos sujeitos. Em “A transformação da intimidade” o autor vai tratar mais especificamente das

alterações ocorridas nessa dimensão íntima e pessoal, discorrendo acerca das transformações nas interações e na subjetividade dos sujeitos.

É importante, de início, mencionar que o autor possui um recorte bastante delimitado. As relações das quais está tratando são as relações heterossexuais e monogâmicas da sociedade ocidental europeia, tendo como seu contraponto a pré-modernidade. Como método de trabalho, Giddens recorre à análise de manuais terapêuticos, buscando identificar a partir deles as alterações nas relações sexuais e eróticas na atualidade. Assim, passamos a compreender um pouco mais das opções feitas pelo autor, como, por exemplo, privilegiar as análises das relações de tipo heterossexual e monogâmico de uma sociedade ocidental, europeia e moderna, deixando de fora outras possibilidades de arranjos afetivos ou mesmo a abordagem de relações hetero e monogâmico de agrupamentos exteriores ao contexto europeu, o que nos levou a desconfiar, ao longo da revisão, de um tom eurocentrista da análise giddiana. Desse modo, é importante considerar que o autor fala de um cenário e tipo de relacionamento muito específicos.

3. 1. Intimidade e modernidade tardia

Tivemos como primeiro foco de análise os aspectos característicos da modernidade tardia, em um sentido mais amplo, buscando apontar quais seriam suas principais implicações para o âmbito da vida íntima e privada dos indivíduos. Partindo desta questão, chegamos a três principais fatores que teriam influenciado mais acentuadamente na transformação da intimidade, de acordo com a abordagem de Anthony Giddens: o declínio da tradição, possibilitado pelos aspectos dinâmicos presentes nesse cenário, a alteração dos contextos de confiança e, sobretudo, a reflexividade.

Giddens tem a pré-modernidade europeia como contraponto para pensar tanto os aspectos característicos mais amplos quanto a intimidade na modernidade tardia. No que toca esse ponto, a tradição é uma noção fundamental para pensarmos os dois períodos. Sua importância está vinculada ao papel crucial que exerceu em um cenário pré-moderno, sendo a forma pela qual os sujeitos organizavam suas condutas e pensamentos, em continuidade com o passado. Mas a modernidade possui um caráter descontínuo e tira da tradição a centralidade que ela possuiu em períodos precedentes.

A separação espaço tempo, o desencaixe e a reflexividade são aspectos

responsáveis pela perda da primazia da tradição na vida social e íntima na modernidade tardia. Esses elementos permeiam toda a discussão do sociólogo, sendo para ele o ponto de partida de diversas das mudanças que ocorreram na transição de um mundo pré-moderno para o período moderno. A alteração do tempo e do espaço, aliada aos mecanismos de desencaixe fazem com que a vida social na modernidade se dissocie de condutas e princípios preestabelecidos. A partir da difusão desses elementos, o tempo não permanece mais conectado ao lugar, não há primazia da presença e atividades são separadas das especificidades do contexto. Além disso, os sistemas peritos dos quais fazem partes profissionais das mais diversas áreas, produzem conhecimento sobre os âmbitos mais pessoais da vida, que acabam por influenciá-la.

Nesse ínterim, a reflexividade apresenta um papel de destaque em toda a trajetória teórica do autor, por ser uma característica situada como central, estando presente em diversas dimensões da vida social cotidiana. Além de colaborar para o declínio da tradição, evidencia-se na construção do projeto reflexivo do eu, estando associada tanto à auto-identidade, quanto ao estabelecimento e manutenção das relações. O eu é construído reflexivamente, bem como as relações que são constantemente revisadas à luz do conhecimento produzido pelos sistemas especializados acerca da vida social e que retorna a essa dimensão, reestruturando-a. É nesse sentido que Giddens se propõe a analisar os manuais terapêuticos e livros de auto-ajuda, que ao buscarem compreender e analisar a esfera da intimidade, a influenciam e alteram de maneira contínua. A própria sexualidade está sujeita ao crivo da reflexividade e do conhecimento constantemente produzido e difundido.

Desse modo, ao contrário de uma orientação pela via da tradição, há a influência de um conhecimento produzido acerca da dimensão íntima, não mais estabelecido de forma prévia, mas constantemente revisado. Assim, todo o conjunto de práticas vinculadas ao “modo tradicional” de se relacionar, como a família patriarcal e os aspectos a ela relacionados – distinção de comportamentos e sentimentos entre mulheres e homens, o domínio masculino etc – também começam a declinar, dando lugar a novas formas de constituir e manter os relacionamentos íntimos.

Por fim, situamos a confiança como outro ponto indispensável para pensar as consequências da modernidade para a esfera da intimidade, segundo a abordagem de Anthony Giddens. A confiança foi amplamente alterada na alta modernidade, tendo se tornado um projeto. Para o sociólogo, a confiança pessoal no cenário

moderno precisa ser construída e, para que essa produção seja satisfatória, se faz necessário uma abertura mútua daqueles que compõem o relacionamento. As relações eróticas estão no cerne da auto-revelação, que faz parte do desenvolvimento da intimidade, além de envolverem o auto-questionamento que está vinculado, também, a reflexividade no contexto moderno.

3.2. Intimidade e a forma de ser dos sujeitos

Em toda a discussão do sociólogo acerca da intimidade, chamou-nos a atenção à ênfase dada a autonomia, ao controle e a referencialidade interna. Como vimos, o sujeito, ao estabelecer uma relação com outrem, nos moldes da relação pura, deve ter em mente aspectos democráticos como a igualdade e compreender que tanto ele quanto o outro são indivíduos autônomos apesar do laço que os vincula. Ou seja, apesar de dividirem a vida, os sujeitos devem possuir uma existência autônoma frente ao parceiro (a).

Isso ocorre, em grande medida, devido ao projeto reflexivo do eu, que é construído pelo sujeito em meio às diversas possibilidades presentes no cenário moderno e que dará origem a auto-identidade, definindo quem o indivíduo é. Os relacionamentos puros, alicerçados no amor confluyente, são relacionamentos que necessitam, além de uma abertura mútua, comunicação e principalmente autonomia. Como já discutido, ela vai significar a constituição do projeto reflexivo do eu de forma satisfatória, pautando-se na igualdade e na independência no que concerne ao desenvolvimento das capacidades individuais, diferente do que ocorre nas relações codependentes.

A referencialidade interna diz respeito à maneira como são estruturadas as ações dos sujeitos, não mais com base em fatores externos, como a tradição, mas fundamentando-se em princípios internos ao próprio sujeito. Desse modo, a tradição perde cada vez mais sua primazia e o indivíduo ganha mais autonomia, fruto de sua referencialidade interna. Essa interiorização marca o debate do autor não somente acerca da estruturação das condutas, mas vincula-se ao projeto reflexivo do eu e aos próprios relacionamentos. Os relacionamentos deixam de estar alicerçados em critérios externos, como parentesco ou questões econômicas, e passam agora a ser sustentados pelos benefícios da própria relação, caracterizando as já discutidas “relações puras”. Desse modo, essas relações se ligam não somente a auto-realização, mas à própria auto-identidade.

Conclusão

Com o objetivo geral de compreender a transformação e seus impactos na vida íntima dos sujeitos na contemporaneidade pela ótica de Anthony Giddens, debruçamo-nos sobre duas de suas obras as quais consideramos fundamentais para tal empreendimento. Desse modo, concluímos que a abordagem de Anthony Giddens oferece valiosas contribuições para pensarmos a questão da noção de pessoa, em particular, a pessoa contemporânea. Com base na argumentação do autor, sobretudo àquilo a que se refere como sendo a dimensão específica da vida dos sujeitos – a intimidade –, entrevemos a constituição de uma noção de pessoa edificada em torno de três linhas de argumentação: a autonomia, o individualismo e a interiorização.

Em contexto de modernidade tardia, a autonomia, o controle e a referencialidade interna estão relacionadas aos relacionamentos, às condutas dos sujeitos e ao próprio eu. Presentes nos relacionamentos puros e no projeto reflexivo do eu, o sujeito precisa compreender que ele é um ser independente, mesmo que vinculado a outro indivíduo. Já no que se refere à referencialidade interna, o sujeito passa a se orientar não mais através de aspectos externos como tradição, mas por meio de princípios internos, de acordo com a narrativa do projeto reflexivo que ele edificou.

Desse modo, parece-nos possível identificar uma noção de pessoa muito particular que emerge nesse contexto. Uma noção de pessoa estruturada em torno de maior autonomia, de maior interiorização e, conseqüentemente, para uma intensificação da noção de ser indivíduo. Entendemos, assim, que a leitura de Anthony Giddens sobre a contemporaneidade e o seu diagnóstico sobre as transformações da vida íntima dos sujeitos permitem que situemos o autor entre aqueles que pensam a atualidade como sendo marcada pela acentuação do individualismo moderno, entendendo-o aqui na acepção mais geral do termo: a valorização de uma maior autonomia do sujeito/pessoa sobre o grupo/comunidade. É isso o que se evidencia quando Giddens nos mostra um pouco da percepção que os sujeitos têm de si mesmos nos relacionamentos e o que está em jogo nos arranjos amorosos.

Referências Bibliográficas

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.